

## *Olhos de ver Natal*

Como todos já percebemos caminhamos a passos largos para que o inverno, que ano após ano nos presenteia com toda a sua arrogância e com todo o seu rigor, tome conta do seu trono temporário e se emaranhe cá no burgo. Que imponha a sua força e a sua áurea e ao mesmo tempo seja esplendorosamente ousado implacável e indiferente às suas consequências, até à sua despedida primaveril.

Falar de inverno é falar além do mais de frio e das suas consequências, do medo daquilo que o general inverno nos impõem com suas agruras, daquilo que diariamente nos oferece para nos revitalizar, ao mesmo tempo que nos obriga e faz pensar no passado, no presente e no futuro.

Falar de inverno é necessariamente falar de Natal.

O Natal na sua essência obriga o homem a ser solidário, a repartir, a dar sem pensar em receber, a não ser alheio às dificuldades que muitos milhares enfrentam diariamente e ter sempre algo que oferecer. Natal também é pensar nos outros, nos idosos em particular aqueles que diariamente enfrentam a devastadora solidão, nos doentes, nas crianças que sofrem sem saberem porquê, nos desempregados vítimas muitas vezes das tropelias dos homens. Natal é dar o alento que reconforta, ter um sorriso verdadeiro, uma palavra amiga que aquece a alma e limpa a mente, é ter o dom de saber ser mais um entre os mortais.

Natal foi e é, independente dos credos ou religiões dos povos, um sinal claro de aproximação das pessoas, um sinal de agregação de esforços no combate à fome e à miséria, uma barreira que se ergue contra as desigualdades e acima de tudo uma procura incessante na corrida do amor e da paz.

Aqueles que como nós já passaram por muitas épocas natalícias (Natais), terão necessariamente muitas histórias para contar, umas melhores outras piores, umas afáveis e ternurentas que dão um ar cristalino e aquecem alma aos de coração puro e outras carregadas de amargura, de incertezas, de medos e descontextualizadas no tempo que só ajudam a empedernir o coração do homem.

Não vamos contar histórias natalícias de outros tempos, mas simplesmente tentar narrar aquilo que eram os natais que muitos como eu passaram.

Inexoravelmente o tempo passou, foi-nos transformando e deixou em nós a sua marca carregando-nos a todos com imprecisões, ganancia, vaidade, cegueira, poder e acima de tudo inundando-nos com uma indiferença atroz, que ensurdece, cega e torna mais rígidos os nossos sentimentos.

O natal do passado inebriava com o seu carisma e seu aroma, carregava as famílias de esperança e dava-lhe uma azáfama invulgar, própria de grandes eventos e de grandes comemorações.

Nas famílias como as nossas, tudo era difícil e duro, nada era dado, tudo tinha que ser conquistado e ganho com muito suor e sacrifício, o que fazia com que, pouco ou nada sobrasse para o Natal. O meu natal de menino era simples e pobre de bens, mas muito rico de conteúdos, de afetos e carinhos, de harmonia e de amor, que só os sacrificados podem avaliar.

O frio enregelado que o Sr. Inverno trazia era marcante e implacável nessa época, mas trazia no seu bernal um ar harmonioso cheio de tranquilidade. O calor das lareiras aquecia os corpos e a alma, a resina das pinhas mansas que eram queimadas nas fogueiras entranhava-se e era inalada por todos com uma bênção de incenso. Os pinhões serviam para o principal jogo natalício, amansava os corações dos pequenos mais ansiosos, que resistiam até ao seu limite por serem presenteados com os presentes da época e com as guloseimas caseiras.

Os sonhos dourados pairavam na cabeça dos mais pequeninos que na falta do atual Pai Natal viam em Jesus menino descido pela chaminé à meia-noite, remédio para os seus desejos e alimento para a sua fé.

Sentia-se um enlevo que inebriava, que nos carregava de esperança e fazia acreditar, que num simples par de velhas chancas de madeira já gastas, postas em cima de uma lareira também velha, irregular, de aspeto rude, corroída pelo fumo e ferrugem do tempo, Jesus menino depositava os mais valiosos tesouros de Natal.

A noite de vinte e quatro, com a harmonia inebriante que andava no ar tornava-se numa espécie de coisa olímpica, tudo e todos eram amigos, viviam e comungavam dos mesmos sentimentos, que eram puros, fraternos e sadios e desaguavam na missa do galo orgulhosamente preparada pela comunidade.

Talvez hoje, os mais velhos sintam saudades do natal de outras eras, porque o tempo tornou tudo mais mercantil e consumista. Hoje Natal é sinónimo de comércio e de esbanjamento, tudo é mais supérfluo e vazio de sentimentos, que fez perder o conceito de união familiar. É sinal de um consumismo atroz, onde se gastam rios de dinheiro e toneladas e toneladas de papel. É sinal de devastação de árvores e de profundas

desflorestações que carregam consigo grandes desequilíbrios ecológicos. É também acumulação de lixo que vagueia pelos cantos e esquinas das nossas ruas, que não é separado convenientemente, que exala cheiros nauseabundos se não tratarmos dele corretamente. Temos que ser mais racionais, mais equilibrados, mais responsáveis e mais ambiciosos ambientalmente.

O Natal atual, para os pais, também é educação e acima de tudo um ato de responsabilidade, porque devem ser eles o suporte familiar, aqueles em quem os seus filhos podem confiar, aqueles que têm a obrigação de lhes transmitir e passar todo o legado que eles mesmos receberam. A transmissão de valores na nossa sociedade é hoje uma questão premente, que nos obriga a estar atentos, vigilantes e permanentemente atentos a todos os valores que possam ser transmitidos.

Eu acredito que os mais pequenos serão ganhos para boas as causas, se nós tivermos a capacidade de as transmitir, com coragem, com conhecimento e com a frontalidade de lhes dizer que o mundo em que todos nós vivemos não é nosso, mas que a todos pertence e não é de ninguém, que eles e nós temos o dever e obrigação de o preservar para o podermos transmitir nas melhores condições habitacionais a todos aquele que nos procederão.

Para termos um Natal melhor temos que ser mais seletivos, mais ambiciosos, mais expectantes e ambientalmente mais fortes, temos que ser mais humanos e deixarmo-nos inebriar pelo espírito natalício e saber usar do direito de cidadania.

### Receita de Natal

Pegue num alguidar junte um sorriso, amor, muito calor humano envolva tudo muito bem e receba uma explosão de alegria natalícia.

**Centro de Dia e Centro de Convívio da ACARF**